



CARTA SEMANAL

O Canário da Mina **25**

13 DE OUTUBRO DE 2023

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse será o objetivo de **“O Canário da Mina”**, artigo semanal que a G5 Partners passará a divulgar toda sexta-feira: fugir do “lugar comum” e não se limitar a ser apenas um compêndio do que aconteceu ao longo dos dias anteriores ou do que acontecerá nos próximos; o intuito é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.



Os textos de “O Canário da Mina” se caracterizam pelo tom leve e descontraído, tentando fazer relações entre os temas econômicos, às vezes áridos, e situações do dia a dia. Mas, diante da barbárie que se abateu sobre o Estado de Israel neste final de semana, a leveza das palavras rapidamente se perde nas cenas aterrorizantes, repetidamente mostradas nos canais de televisão, nos relatos de jovens israelenses que se viram em meio a uma caçada humana, onde eram eles o “prêmio”, como no enredo de um filme de terror classe B, ou no pensamento de que existem mais de uma centena de reféns, muitos deles crianças, usados como escudos humanos pelo Hamas. Israel tem “ficha limpa”? Não. Mas, se todos seguirem a Lei de Talião de *“olho por olho, dente por dente”*, *“o mundo acabará cego”* nas palavras de Mahatma Gandhi, também sem dentes, mas aí é outra história. E com as tropas israelenses se concentrando nas fronteiras da Faixa de Gaza, é de se esperar que a vingança virá e será no mínimo proporcional, como deixou claro o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Posto isso, vamos tentar entender os desdobramentos geopolíticos e econômicos desse conflito, os riscos de escalada e como o governo brasileiro se portou nessa história toda.

Antes de entrar na análise propriamente dita, vamos voltar no tempo, mais precisamente para 1947, ano da Resolução nº 181 da Organização das Nações Unidas (ONU), que criava tanto o Estado de Israel quanto o Estado Palestino — até porque o primeiro foi fruto da divisão do último, que era um protetorado britânico. Essa Resolução nunca foi aceita pelos países árabes. Daí a primeira grande contradição foi a Liga Árabe, que incluía Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Iraque, que impediu a criação do Estado da Palestina, uma vez que, ao reconhecer este, forçosamente reconheceria o de Israel, o que era inadmissível para eles. Tanto que, logo após a declaração de independência de Israel, em 14 de maio de 1948, a Liga Árabe declarou guerra aos israelenses, que a derrotaram em 1949. Aqui verdadeiramente começa o problema palestino/israelense, pois, no meio dessa briga de “cachorros grandes”, os palestinos são expulsos de suas terras no que eles chamam de *Al Nakba* (a catástrofe), para além da divisão de 55% para o Estado judeu e 45% para o palestino estabelecido pela Resolução nº 181. Inclusive, um dos pilares do grupo palestino Hamas é não aceitar a existência do Estado de Israel, nos moldes da antiga Liga Árabe. Bem, já sabemos de onde vem o “olho por olho” recente dessa história, agora vamos para análise do conflito atual.

Não querendo nos tornar repetitivos, uma vez que todo(a)s já leram e ouviram relatos minuciosos sobre os momentos de terror ocorridos na manhã de sábado (7/10), vamos apenas lembrar que, até o término da redação deste OCM (11/10), já havia 1.800 mortos confirmados, sendo 1.000 pelo lado judeu e 800 pelo lado palestino, e a invasão israelense à Faixa de Gaza, ainda nem começou, um indicativo que esse número deve crescer de modo exponencial, principalmente do lado palestino. Mas, a despeito da tragédia humanitária, o foco aqui são as implicações geopolíticas e econômicas desse conflito. E, talvez para surpresa de alguns, a resposta é que ambas são pequenas, a não ser que um terceiro ator entre no jogo: o Irã.

Economicamente, nem Israel nem a Faixa de Gaza são produtores de petróleo, como eram o Kuwait, na Guerra do Golfo 1, ou o Iraque, na Guerra do Golfo 2. Também não temos, ainda, o fechamento de nenhuma via importante de escoamento do produto, como aconteceu com o Canal de Suez durante a Guerra do Yom Kippur, em 1973, motivo

da primeira crise do petróleo. Mesmo considerando outros produtos, a participação de Israel é pequena no comércio mundial (0,36%), e seus principais parceiros mundiais são Estados Unidos e União Europeia. Portanto, do ponto de vista econômico, os problemas entre Israel e palestinos são pouco importantes.

A questão geopolítica, apesar de não ser tão relevante quanto na Guerra da Ucrânia, tem muito mais importância do que a parte econômica. Provavelmente, a primeira “vítima” desse conflito será o tratado entre Israel e a Arábia Saudita, intermediado pelos EUA. Não seria o primeiro tratado de paz entre Israel e os países árabes, dado que o primeiro tem acordos já firmados com Egito¹, Jordânia², Bahrein e Emirados Árabes Unidos³. Entretanto, teria um simbolismo único dentro da comunidade árabe, por alguns motivos. O primeiro deles é o fato de ser a Arábia Saudita o principal país sunita do Oriente Médio, mesma corrente do islamismo do Hamas, que, inclusive, começou suas atividades como a Irmandade Muçulmana na Palestina, que tem sua origem no movimento radical Wahhabista, uma linha ultraortodoxa dos muçulmanos sunitas, que é a base da sociedade saudita e de onde vieram também a Al-Qaeda e o Estado Islâmico. Portanto, um acordo entre o país sunita mais radical e Israel mudaria todo o equilíbrio de forças na região. O segundo motivo, também muito emblemático, é que estão na Arábia Saudita os dois principais pontos religiosos para os muçulmanos: Meca, onde fica a Kaaba, e Medina, com a Mesquita do Profeta.

Mas, como dissemos antes, o grande “ator” que pode escalar esse conflito — tornando-o não só um horror humanitário, mas também um problema realmente econômico e geopolítico — é o Irã, por meio de seu “braço” libanês, o Hezbollah.

Apesar de o Hezbollah ter nascido no Irã, mesmo antes da revolução islâmica de 1979, foi sua participação na guerra civil do Líbano durante a década de 1980 que o tornou famoso mundialmente e inimigo mortal dos israelenses. Atualmente o grupo tem cadeira no parlamento libanês e controla porções do oeste e do sul do território do Líbano, de onde costuma mandar, esporadicamente, mísseis contra o território israelense. Portanto, caso o Hezbollah passe dessas escaramuças eventuais para um ataque maciço contra o território israelense, certamente o governo de Tel Aviv verá as digitais do governo iraniano no movimento, mudando radicalmente o perfil do conflito. Primeiro porque, ao contrário de Israel e da Faixa de Gaza, o Irã é um dos maiores produtores de petróleo do mundo. As sanções comerciais ocidentais sobre o país têm prejudicado suas exportações do produto, mas, mesmo assim, um ataque israelense a seu território poderia acarretar outros problemas, como o fechamento do Estreito de Ormuz, por onde passam 20% de toda a produção mundial de petróleo. Segundo, porque esse movimento do Irã atrairia os EUA para o problema.

Por mais paradoxal que possa parecer, a entrada do Hezbollah no conflito pode ser vista pelo governo de Israel como a oportunidade de “fazer do limão uma limonada”. Embora abra outra frente na guerra, o que nunca é bom em termos estratégicos, pode dar o motivo que Israel sempre quis para atacar o centro nuclear iraniano, coisa que os EUA sempre vetaram. Talvez não por coincidência, a propaganda israelense está comparando o que ocorreu no dia 7

¹Em 1978, conhecido como Acordo de Camp Davis, causa inclusive da morte do presidente egípcio, Anwar Sadat, por um radical islâmico em 1981.

²Em 1994, o que certamente contribuiu para o assassinato do primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin, apesar de o principal motivo ter sido os Acordos de Oslo, assinados com o líder palestino Yasser Arafat.

³Em 2020, conhecidos como Acordos de Abraão.

de outubro com o 11 de setembro de 2001 dos EUA – uma forma de lembrar que um país atacado tem o direito de retaliar seus agressores, que, então, não seriam mais apenas o Hamas.

Uma grande perdedora dessa confusão foi a Ucrânia. Ela já estava com dificuldades de manter a mobilização do Ocidente depois de mais de 18 meses de conflito com a Rússia, principalmente nos EUA, onde o acordo de extensão do orçamento das agências americanas por mais 45 dias não incluía a renovação do pacote de ajuda ao país. Agora, com todos os olhos do mundo voltados para Israel, que conseguiu, inclusive, a aparentemente impossível missão de unir republicanos e democratas sob uma mesma causa, ficará mais difícil para a Ucrânia se fazer ouvir.

Para nós, brasileiros, ficou a sensação de que o governo pisou, novamente, em uma “casca de banana” internacional. A dificuldade da esquerda brasileira, bem representada no governo do PT, de separar joio de trigo, ditador de democrata e agressor de agredido, ficou clara mais uma vez. Todas as declarações feitas até agora condenam o ataque terrorista a Israel, mas em momento nenhum dão nome ao agressor, passando a sensação de algo pontual e genérico. Uma reportagem no jornal Valor Econômico de hoje (11/10) mostra que a nota de Lula teve 73 mil curtidas e quase 11 comentários, contra 1,5 milhão de curtidas e 31 comentários da nota do ex-presidente Jair Bolsonaro, mais assertiva na defesa do agredido e dando nome aos bois. O objetivo do governo Lula de ser um interlocutor relevante no cenário internacional parece mais distante a cada “casca de banana” em que o presidente brasileiro insiste em escorregar. Além disso, com esse tipo de discurso “passa pano” para não ferir a suscetibilidade de seus apoiadores mais fiéis e também mais radicais, Lula acaba por cristalizar a polarização da política brasileira, mesmo sobre assuntos a milhares de quilômetros de Brasília.

A conclusão é que o que aconteceu no sábado foi apenas um primeiro passo macabro de uma novela que ainda terá muitos capítulos pela frente, com o próximo inclusive já “contratado”: a invasão por terra das tropas israelenses sobre a Faixa de Gaza. Se esse enredo vai se limitar aos atores locais ou incluir o resto do mundo depende da posição do Hezbollah nesse conflito. Se ele mantiver sua postura atual, de escaramuças ocasionais com o exército israelense, nenhuma novidade, mas se ele se engajar com força abrindo uma segunda frente no norte do país, não haverá possibilidade de Israel deixar de retaliar o Irã, financiador do grupo, com todas as consequências descritas anteriormente. O mais paradoxal dessa história é que Israel estava prestes a fazer um acordo com a Arábia Saudita, de onde vem a doutrina que guia o Hamas, um grupo sunita radical que pode se unir ao Hezbollah, um grupo xiita radical, inimigo mortal dos sunitas e, conseqüentemente, da Arábia Saudita. O mundo parece estar cada vez mais no modo “o inimigo do meu inimigo é meu amigo e o amigo do meu inimigo é meu inimigo”. Onde isso vai dar? Talvez a resposta a essa pergunta determine o futuro da humanidade.

Frase da Semana

“A cada dia, a cada hora, a gente aprende uma nova qualidade de medo.”

Guimarães Rosa

G5 Partners	2022	2023	2024
IPCA (%)	5,79	4,90	3,40
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	9,00
Câmbio	5,28	5,00	5,20
PIB	2,90	3,00	1,90